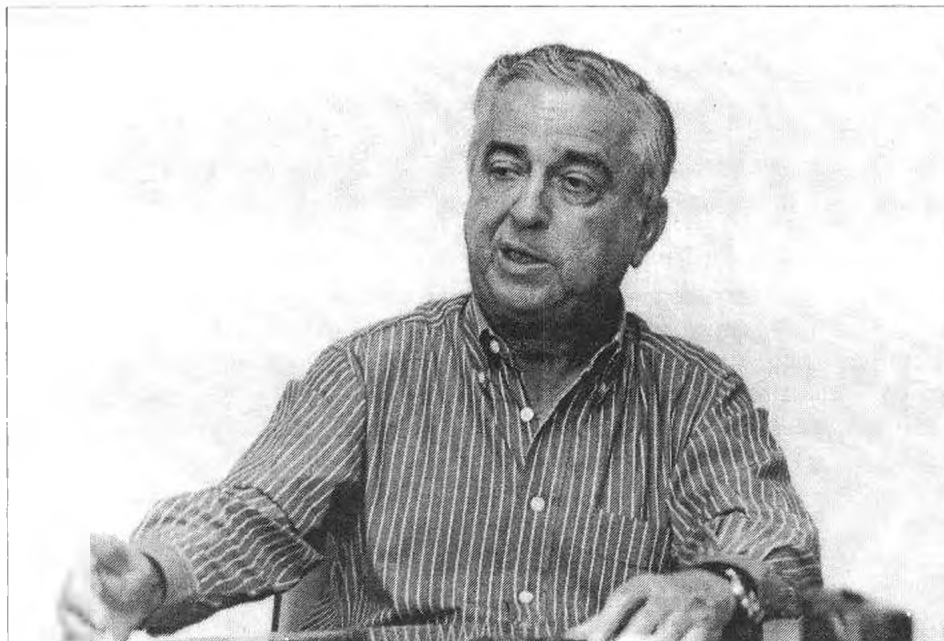


EDILMAR NORÕES

O poder da simplicidade marca parte da história da comunicação no Ceará



de chefia, principalmente em um meio cheio de vaidades, como uma emissora de tele-visão. Mas, para ele, isso parece jamais ter sido problema.

Toda essa história nasceu de uma paixão. Um contato com o microfone, a oportunidade de lidar com o público, e pronto. Edilmar nunca mais quis fazer outra coisa na vida. Era bom ser popular, ainda no Crato, tão jovem. Foi melhor ainda ser conhecido em Fortaleza e poder desfrutar do glamour e da boemia em redutos de radialistas e jornalistas, numa época romântica, quando era

“chique” ser da imprensa. Não tinha problema ser famoso e morar na Casa do Estudante Pobre do Ceará. “Era natural”, uma etapa necessária.

Poucos sabem que este comunicador é formado em Direito. Nada surpreendente. É bem possível que, de vez em quando, ele mesmo esqueça. Mas uma promessa foi cumprida, afinal, ter um filho advogado era sonho do pai. O apreço pela família fez dele um jovem querido pelos pais e pelos irmãos. De casa vieram os valores de seriedade, do respeito à hierarquia, do trabalho e da fidelidade, que alguns acreditam ter sido seu passaporte para o sucesso executivo. Pois se sabe que toda empresa tem seus interesses e, quanto maior sua envergadura, maiores seus comprometimentos. Até isso é preciso respeitar. Edilmar nunca foi rebelde. Não seria dessa vez.

Uma ascensão meteórica na empresa, um acréscimo de compromissos profissionais, um casamento, seis filhos. Um infarto, um acidente grave com Edilmar Júnior e, mais de quarenta anos depois, Edilmar Norões continua, segundo todos que o conhecem desde moço, a mesma pessoa, só que mais experiente. Eis a oportunidade de conhecer, de perto, um dos maiores partícipes da criação do principal conglomerado comunicacional do Ceará. Um homem de poderes. E de um grande coração.

Surpresas de criança, sonhos de menino, deslumbramento de rapaz. Problemas de adulto, amor de homem, dor de pai. Dos tempos sem energia elétrica em Barbalha ao topo da comunicação no Ceará, passando por desafios e polêmicas no trabalho, nada ficou de fora. Usando de franqueza, Edilmar reconheceu o desconforto de falar sobre certas questões, mas não se esquivou. Afinal, aquela conversa era um “compromisso” assumido, um contrato de fidelidade. Mais um. No Salão Memória do Diário do Nordeste, Edilmar Norões falou de toda a sua vida, como jamais o fizera antes. Mais um momento especial se fez. O resultado pode ser visto a seguir.

• *Edilmar Norões dirige o maior grupo de comunicação no Estado, mas nem por isso tem uma postura arrogante. O tom amigável da conversa, no entanto, deixa transparecer uma cômoda posição conciliadora.*

Devc haver muitas manciras de ‘subir na vida’. A maioria dos que podem orgulhar-se de ter conquistado um lugar de destaque tem a mesma receita: o negócio é trabalhar. Ser competente, bom no que se faz. Há muitos que esperam pela sorte; outros, por um empurrãozinho do além; e tem uma turma, esta, cada vez maior, que tenta tomar atalhos pelas vias da ilegalidade. Outros trabalham. Estes se preparam; dedicam-se, entregam-se. O homem que, em nome do seu ideal de vida, flutua entre o sorrir e o chorar, entre o gozar e sofrer, sem hesitar, parece ver o mundo tornar-se estranhamente mais fácil.

Nosso personagem encaixa-se perfeitamente neste perfil. Edilmar Norões, 65 anos, é hoje um dos principais diretores do maior grupo de comunicação no Estado. Sua história de vida entrelaça-se com a da empresa onde trabalha desde que ela surgiu. A seriedade e a competência, aliadas ao jeito pacificador, conduziram-no à posição que ocupa. O espírito humano e sensível conferiu-lhe uma quase inacreditável unanimidade, entre aqueles que estão à sua volta.

Das palavras da esposa às anedotas que percorrem os corredores do Sistema Verdes Mares, tudo a seu respeito dá conta de uma pessoa extremamente calma, o tempo todo pronta para ouvir, conversar. Uma sala “sempre aberta” e um talento para o raro entendimento fazem de Edilmar uma espécie de ‘fiel da balança’. A responsabilidade e o poder de decisão podem ser motivos de atrito e desgaste. É preciso saber lidar com uma posição

Entrevista com José Edilmar Norões, dia 19/10/00.

Produção, redação, edição e texto final:

Jhon Clayton, Lívia Lara e Roberta Gregório

Texto de abertura: Jhon Clayton

Participação: Andréa Bezerra, Antônio Simões, Arizona Leite,

Danielle Pinheiro, Débora Souto, Erivaldo

Carvalho, Fernando George, Herik Ayslan,

Janis Lyn, Jhon Clayton, José Valente, Lívia Lara,

Roberta Gregório. Foto: José Leomar.

Jhon - Bem, seu Edilmar, a gente poderia começar falando sobre sua infância. O senhor nasceu em uma época, à década de trinta, e num lugar, o interior do Ceará (Barbalha, cidade do interior do Ceará), onde os costumes eram muito rígidos. Como foi a criação que o senhor recebeu dos seus pais?

Edilmar - Eu diria que, para os padrões da época, aqueles valores que predominavam, hoje se poderia tachar de rigorosos, não é? Mas como, naturalmente, aquilo era o comum, nós vivenciávamos de uma forma a aceitar tudo aquilo como uma coisa normal. As exigências que eram feitas pela família, pela sociedade, pelas escolas... Claro que a gente encarava aquilo com naturalidade, porquanto era a vida, era o comum na sociedade em que se vivia. Então, se hoje nós poderíamos tachar de rigor, na época era comum. Então nós já sabíamos que tínhamos horário para chegar em casa, horário que, geralmente, deveria ser... Nunca depois dos pais. Mesma coisa na hora das refeições, sempre com os pais à frente da mesa. Na escola, escola primária, exigências, inclusive a partir do fardamento. Não era um fardamento ostentoso, mas aquela fardinha. Deveria estar limpa, você deveria estar se apresentando como uma pessoa que estava ali, em um ambiente que deveria ser exemplar.

Eu me lembro que, inclusive, nas salas de aula havia a presença do que se chamava um pelotão de saúde para ver como é que estavam as suas unhas (*fala pausadamente*), se estavam cortadinhas, se o seu cabelo estava bem, bem cortado, ouvidos... Então

aquele pelotão de saúde... (*faz uma pausa*) Talvez as pessoas hoje pudessem dizer: "Isso é um absurdo, invade a privacidade de cada um". Mas quem sabe se aquilo também não poderia ser interpretado como uma forma de ensinar, não é? Às vezes, dentro de casa, os pais, por isso ou aquilo outro, se acomodavam. Então, dificilmente você encontraria alunos que tivessem que ser chamados por isso ou por aquilo outro porque cada um até que temia ser da classe. Então, você vê como os valores eram diferentes. Quanto ao patriotismo, as pessoas tinham

“As exigências que eram feitas pela família, pela sociedade, pelas escolas... A gente encarava aquilo com naturalidade (...) era o comum na sociedade em que se vivia...”

que saber o hino. Eu não sei se ainda hoje, por exemplo, os hinos, do Estudante, o Hino da Bandeira, o Hino da Pátria, Hino Nacional... Aquilo ali você teria de saber mesmo (*ênfatisa*). Não era esse negócio de gente que não sabe um pedacinho, um trecho, não. Aquilo dali você iria cantar em conjunto, com toda a classe. Mas a professora sabia, a professora de canto orfeônico (*Relativo a Canto Coral*), né?

Jhon - Como era a relação do senhor com seus irmãos? O senhor tinha cinco irmãos, não é?

Edilmar - Boa, boa, porque esse relacionamento entre irmãos... Parece-me que a influência do modo da família, como um todo, ela facilita, não

é? Quando você tem um comando firme dentro de casa, pelo respeito que você tem pelos pais, então aquela convivência entre as pessoas da família, eu acho que ela vai se tornando assim... Ela flui naturalmente.

Erivaldo - Mas a rigidez dos pais não limitava o calor humano que deve existir na família, entre os pais do senhor e o senhor?

Edilmar - É como eu disse. Eu acho que, para o momento em que se vivia, aquilo ali eu não tomava como uma ordem (*ênfatisa*), uma determinação. Aquilo era a maneira de ser, certo? Ninguém me obrigava a ser daquele jeito. Era comum ser daquele jeito e naturalmente que em famílias, não é? Isso não é uma hegemonia, uma coisa que é aqui, ali, não. Na família, por isso, (*em função de*) fatores, circunstâncias essas ou aquelas há desagregação, não é? Isso vai existir, sempre existiu e não deixará. Quando você tem uma família que ajuda nesse

sentido, as coisas ocorrem normalmente, naturalmente. Claro que quando você é criança, você tem determinadas vontades que, quando você não tem aquilo que quer... "Quero ir para o futebol hoje" (*bate à mesa*), e o pai diz: "Você não pode ir porque você não fez o dever de casa", não é? "Eu quero ir para o cinema". "Você não pode ir para o cinema hoje porque o seu cinema é sempre no dia de sábado ou no dia de domingo, pra você não chegar tarde em casa pra no outro dia ter que acordar cedo...". Aquelas coisas que, para a época, era normal. Porque se você chegasse naquela época para (*ira*) uma casa de cinema, um clube, você não iria encontrar como os meus filhos vão hoje,



Após saber que iríamos entrevistar Edilmar Norões, conversamos com Roberto Moreira, diretor de Telejornalismo da TV Diário. Segundo ele, Edilmar aceitaria facilmente.

A falta de tempo foi a maior dificuldade. Depois de duas semanas tentando cercá-lo, conseguimos marcar um contato breve, através de Roberto Moreira.



O primeiro contato, na sala de Edilmar, foi ameno. Apresentamos a revista, que ele já conhecia. Edilmar aceitou prontamente e ficou de escolher o local para a entrevista.

entende? Porque os valores hoje são diferentes. Eu não acho, sinceramente, que ele tolhia a minha vontade. Eu recebia aquilo naturalmente.

Herik - *O senhor tentou passar essa criação rigorosa que seus pais lhe deram, na criação de seus filhos? Refletiu isso na criação de seus filhos?*

Edilmar - Se houve isso, foi naturalmente. Eu procurei com o exemplo. Eu achei que deveria dar o exemplo e esperar que aquele exemplo fosse um reflexo no comportamento deles. É claro que você dá um exemplo, mas também é sempre bom você orientar, porque o jovem precisa de uma orientação. Muitas vezes ele quer fazer aquilo porque acha que é o correto, que é o certo. Você tem que, quando nada, dizer pra ele que aquilo contraria princípios, que aquilo pode comprometer a ele, não é? E você dá um exemplo, soma-se a essa orientação... Eu tenho a impressão que isso ajudou a cada um deles. Ajudou. Porque você tem que dar esse exemplo muito forte dentro de casa porque a rua é perigosa.

Andréa - *Quem era mais rígido, o pai ou a mãe do senhor?*

Edilmar - Os dois. Eles me marcaram mais pelo exemplo que davam, de seriedade, de lealdade, de sensibilidade (*fala pausadamente*). É uma coisa que eu achei sempre muito bom ver no meu pai: ele era solidário. Naquela época, ele via os problemas sociais de uma forma muito forte. Lá na cidade mesmo (*Barbalha*) ele era tido como uma pessoa que se aproximava dos mais carentes pra ajudar. Eu não sei se eu disse pra vocês que meu avô tinha cartório, era tabelião, e meu pai nasceu dentro de um cartório. Então ele familiarizou-se com a vida cartorária e aprendeu o dia-a-dia do cartório. Naquela época, você ajudava a magistratura, desde que o juiz visse em você uma pessoa que tinha conhecimentos de leis. Então, meu pai tinha isso aprendido dentro do cartório. E com ele dentro desse cartório, na função, por exemplo, de adjunto de promotor, porque nem toda cidade tinha... Tinha um juiz, mas os auxiliares, aqueles que complementavam o trabalho de um juiz, era difícil ter um número de pessoas formadas. Então ele fazia esse papel da promotoria. Ele era um adjunto de

meu nome deveria ser, se fosse seguir realmente a família, José Edilmar Norões Coêlho de Alencar. Por quê? O meu pai é Raul Coêlho de Alencar, minha mãe é Raimunda Norões Coêlho. Então, a família Alencar, realmente, é uma família de tradição inclusive política na região. Mas a família, não ele pessoalmente, certo? E a minha mãe não tem nenhuma ligação política. Ele tem uma família de tradição política. E ele (*o pai*) entrou na política de uma coisa natural, até por isso que eu disse a vocês, porque ele tinha um relacionamento tão forte com as classes mais carentes que ele ajudava que as lideranças políticas da área disseram: "Você tem que ser candidato, você vai eleito fácil". E então, daí, ele foi candidato a vereador, foi várias vezes vereador, foi presidir uma Câmara, chegou a exercer a prefeitura naquela interinidade que a presidência do Legislativo ocupa.

“Eu tenho a impressão que isso ajudou a cada um deles. Ajudou. Porque você tem que dar esse exemplo muito forte dentro de casa porque a rua é perigosa”.

promotor, a que também se dava o nome de advogado rábula. Era aquele que não era formado, mas exercia, por delegação do magistrado, aquele cargo. Então, nessa função o meu pai teve uma aproximação muito boa com as pessoas. Ele era um defensor dessas pessoas, por isso ele era chamado de 'pai dos pobres' e, em função disso, lá na frente, ele como candidato, como político, chegou a ser eleito várias vezes, sempre ia eleito, sem gastar nada, mas apenas por esse bom relacionamento.

Jhon - *Qual era o envolvimento político da sua família?*

Edilmar - A família do meu pai, que é de Barbalha, Coêlho de Alencar. Inclusive,

Jhon - *Como era a sua vida no interior, o que é que o senhor costumava fazer à noite, como era a sua vida social?*

Edilmar - Olha, a vida noturna, no interior, principalmente numa cidade menor como a que eu morava era limitada. Muito limitada. Você tinha o quê? Você tem aquele famoso passeio na praça, não é? (*repete três vezes*), tinha o cinema. A missa do domingo era motivo de... Então as festas religiosas, principalmente lá, que tem uma festa muito tradicional, que é a festa de Santo Antônio, com aquela coisa que continua hoje (*Festa que se inicia no último domingo de maio e se encerra dia 13 de junho, com o "pau da bandeira", uma tradição de meados do séc XIX*). As mulheres vão lá pra arrancar

A sala de Edilmar é pequena e simples, com muitos discos na parede e dois televisores, um sintonizado na TV Diário e outro na TV Verdes Mares.

casamento na festa. Então, a vida noturna era muito limitada. Até, também, porque você, como jovem, não podia desfrutar, mesmo que tivesse as possibilidades que poderia haver - mas havia para um adulto, não para uma criança.

Valente - *Nessa época o senhor sentia essa limitação ou isso passava despercebido?*

Edilmar - Sentia não. Eu sabia que o que você tinha que fazer era estudar, não é? Estudar, estudar e estudar e fazer aquelas coisinhas que se faz mesmo dentro de uma cidade pequena. Conversas de rodinha... Mas era uma coisa que você, também, tinha que voltar muito cedo. A energia, também, na minha época, tinha toque (*bate três vezes à mesa*). Não havia essa energia que você tem as vinte e quatro horas. Nove horas, apagava tudo. Você tinha que voltar pra casa "antes que o bicho pegue", não é?

Valente - *E o senhor gostava dessa vida?*

Edilmar - A gente se adapta ao meio. A gente se adapta, entendeu? Até porque o que nós vivíamos aqui, por exemplo, eu achava que a minha cidade era uma grande (*exalta a voz*) cidade. Quando eu cheguei no Crato (*Município vizinho e mais desenvolvido*), é que eu achei que ela (*Barbalha*) não era uma grande cidade. Então, eu achava o Crato, um negócio assim... Uma capital (*fala admirado*). Quando eu vim pra Fortaleza eu disse: "Rapaz! O Crato..." Então, a gente vai se adequando às cidades. E, principalmente, você não tinha isso para ver. Hoje, você sabe como é a vida de qualquer cidade, como é que é que as pessoas vivem. Você liga a televisão e está lá, você tem tudo. Mas naquela época você

tinha cinema, filme, filme de cowboy... Você tinha essa noção... Você poderia criar (*através de*) leituras, criar como era aquela cidade. Então você tinha o meio. Você estava no meio. O meio pra mim era importantíssimo. Por exemplo, eu ia, nas férias, a um balneário que tinha lá. Não era um balneário, era uma fonte (*ênfaticamente*) d'água. Era a coisa mais importante que poderia ter. Aquilo me agradava, me deixava felicíssimo. Eu chegava lá com os meus colegas, com os meus amigos... Aquilo era importantíssimo.

Roberta - *Como é que foi*

“Você, como jovem, não podia desfrutar, mesmo que tivesse as possibilidades que poderia haver, mas havia para um adulto, não para uma criança”.

o seu primeiro contato com o rádio? Como é que o senhor conheceu o veículo de comunicação?

Edilmar - Na minha cidade, nessas festas religiosas sempre têm leilões. Aqueles leilões e com microfone. Então, às vezes, alguém me dava aquele microfone pra comandar um pouquinho aquele leilão e eu gostei do microfone, gostei do microfone. Quando eu fui pra Crato estudar, lá não tinha rádio e tinha duas amplificadoras, como se fora uma rádio. Uma amplificadora com bons estúdios, com programas montados, certo? Então, aí é que eu me empolguei mais ainda pelo microfone. E, na primeira oportunidade que me foi dada, na Rádio Araripe (*do Crato, 1ª emissora no município*), eu, a partir daí, jamais

deixei o microfone.

Simões - *Como foi que essa oportunidade surgiu?*

Edilmar - Como eu tinha essa pouca ambientação na amplificadora, então, na Rádio Araripe, o Wilson Machado, que era o gerente e ao mesmo tempo comandava os principais programas na emissora (*hoje radicado em Fortaleza, com um programa na Rádio Asunção Cearense. Foi deputado estadual por 4 legislaturas MDB e PMDB*), disse: "Eu vou lhe dar uma oportunidade pra você falar também aqui". Eu disse: "Isso não tem problema nenhum. Eu era

da amplificadora, daqui da rádio. Isso não tem segredo". Então me deu a oportunidade e eu fui começando dentro do estúdio, limitando, naturalmente, a fala, pra começar a desenvolver programas dentro de estúdio, mas já sem textos. E passei pra um programa infantil, de dia. Porque a Rádio Araripe era bem instalada. Ela tinha, inclusive, um cinema, onde, no auditório desse cinema, tinha três programas, com trezentas, quatrocentas pessoas, com orquestra, conjunto musical. Era uma rádio mesmo, com programação que movimentava produtores, locutores, músicos... Era uma programação eclética.

Quando eu fui fazer um programa infantil, que, naturalmente, era um programa que você poderia ter uma desenvoltura mais fácil, porque você iria lidar com crianças, o Wilson disse: "Você está caminhando para fazer outros programas". E houve um problema dele, de saúde, um problema mais sério. Ele teve, naquela época, eu me lembro, teve que ir para o Rio de Janeiro, que a mãe dele morava lá, porque ele tinha um irmão que era Oficial do Exército. Aí



A porta da sala está sempre aberta e ninguém bate antes de entrar. Enquanto conversávamos, algumas pessoas entraram sem ser anunciadas

Edilmar pareceu simpático, mas "medindo" as palavras. Perguntado sobre uma pessoa mais chegada para falar a seu respeito, ele citou o radialista Wilson Machado.



Haveria mais alguém? Naquele momento, um senhor de cabelos brancos entrou na sala. Era Mansueto Barbosa, superintendente do Sistema Verdes Mares.

ele foi e disse: "Olha, você vai ficar com os meus programas". Ora, para mim... Já pensou? Um sujeito, um garoto, um estudante de ginásio comandar os programas do Wilson Machado (*ressalta*), que era a maior estrela do rádio? Pra mim foi... Tinha um programa que era de rua. Você chegava, como se fora, por exemplo, hoje, lá na (*Rua*) Barbosa de Freitas. A equipe chegava lá, montava tudo, montava o palco, aquela coisa. Levava o conjunto, formulava brincadeiras... Era uma hora de programa. Isso foi me deixando cada vez mais familiarizado com o microfone, eu já estava começando a tratar o microfone como uma coisa normal. Na época da política, que chegou lá no Crato, a rádio recebeu um gravador. Aquilo era uma novidade, você gravava, saía sua voz (*fala com entusiasmo*). Levava o gravador para o centro da cidade para fazer pesquisas com as pessoas. O microfone foi me deixando muito à vontade. Quando eu vim pra cá (*para Fortaleza*), porque o meu pai, aí eu volto a dizer, como nasceu dentro de um cartório, meu avô que tinha um cartório, e esse cartório foi tomado na revolução (*Refere-se ao golpe militar de 1964*)... Meu pai disse: "Olha, eu gostaria muito que você se formasse em Direito". E eu vim pra cá pra me formar em Direito.

Débora – E o senhor continuou a trabalhar no rádio?

Edilmar – Sempre, sempre.

Débora – E como foi conciliar o estudo com o trabalho?

Edilmar – A única dificuldade que você teria pra conciliar a Faculdade com o trabalho é porque o rádio, pelo menos no meu caso e na

minha época, era apaixonante. Era um perigo (*Aumentando o tom de voz e com ênfase*). Olha, microfone e rádio... Principalmente naquela época, tinha muito de romantismo. E quem estava começando... Eu já cheguei aqui com programas. Porque o Wilson veio pra cá e me confiou programas. Eu já cheguei aqui com um programa dentro da Rádio Verdes Mares. Ela era uma rádio associada. Vocês sabem a vida dos Associados, né? Diários e Rádios Associados, fundado pelo (*Assis*) Chateaubriand. Aqui no Ceará tinha um centro muito importante

“Já pensou? Um sujeito, um garoto, um estudante de ginásio comandar os programas do Wilson Machado (*ressalta*), que era a maior estrela do rádio?”

dos Associados. Eles tinham dois jornais, um dos maiores daqui, o Correio do Ceará, e o Unitário. Ele tinha a Ceará Rádio Clube, que ainda está hoje, que era a pioneira em todo o Ceará. E uma rádio no Crato, que é essa rádio que eu vim de lá, a Rádio Araripe. E a Ceará Rádio Clube era como se fora uma televisão, só não tinha a imagem. Eles tinham programas humorísticos, eles tinham novelas, eles tinham tudo, tudo, tudo. Tinham auditório. Surgiu a Rádio Uirapuru, como uma emissora mais musical, certo? Pra concorrer com essa outra rádio... O associado viu que tinha que concorrer, tinha que concorrer. Então, como eles concorreram? Como eles tinham muito prestígio, força, na época, eles conseguiram essa

rádio. Rádio Verdes Mares (*pontua*), que era uma rádio mais... Era um agregado da PRE - 9. A PRE - 9 era tão forte, como veículo de comunicação, que tinham dois andares, o primeiro e segundo andares, e a Rádio Verdes Mares foi para o 4º andar do Edifício Pajeú. O 4º andar. Mas uma rádio musical. Nós tínhamos programas musicais dentro dela. Então, foi em função exatamente disso que, quando eu vim pra cá, já vim pra trabalhar em rádio. E conciliava (*trabalho e estudo*) por isso, porque a gente teria que, realmente, morando lá na Casa do Estudante... Viu (*fala olhando para Erivaldo, morador da residência universitária*)? Vinha trabalhar e ia pra faculdade.

Débora – Mas o senhor tinha paixão pelo Direito ou fez por que seu pai pediu?

Edilmar – Não, não. Eu terminei mais como uma questão... "Ora, meu pai pedia, ele morreu..." Era uma questão de consciência. "Eu vou me formar em Direito". É uma beleza se formar em Direito! Você pode não exercer o Direito. A faculdade é importante, na medida em que, quando nada, ela te dá uma experiência, primeiramente. Ela te coloca entre mestres, ela te exige estudos, não é? E você aprende, inclusive, a estudar. Então você tem compromissos com o seu estudo. Mesmo que você não vá seguir, você ia aprendendo. Eu tinha que fazer todas as cadeiras e tinha que passar. Tinha um professor meu que dizia o seguinte: "Eu sei que aqui são uns 100 alunos e que uns dez por cento vão exercer a profissão. Porque Direito é difícil. Mas vocês, cada dia aqui, saem aprendendo mais alguma coisa. Inclusive têm

Segundo Edilmar, os dois já se conhecem há 38 anos. Acabamos conversando com Mansueto, cuja sala fica ao lado da de Edilmar, com passagem direta de uma para a outra.

uma formação acadêmica”.

Daniele - Mas sua vinda para Fortaleza está diretamente ligada ao Direito ou foi por causa dos programas de rádio?

Edilmar - Não, o meu objetivo central era me formar, era a minha formatura.

Andréa - Quando o senhor lembra da sua vinda do interior pra Fortaleza, era uma época boa ou difícil? Preferia a vida do interior ou...

Edilmar - No Crato, e com o meio rádio, você já foi tendo facilidades pra ampliar o seu relacionamento. Aqui, como eu vim já para trabalhar numa rádio, aquilo me facilitou muito. Ampliou muito meu horizonte de vida dentro da capital. Talvez a pessoa que chegue aqui só para estudar, daqui que se ambiente e conheça as coisas, certo? Mas não, eu vim direto. Eu já entrei trabalhando num veículo importante. Só o meio onde eu trabalhava já me deixava com facilidades, de frequentar. Aí facilitou, me facilitou muito, sem dúvida alguma. E exatamente por isso é que cada dia mais eu ia me apaixonando mais e ficando mais preso ao rádio.

Erivaldo - E esse trabalho envaidecia as pessoas. Como o senhor trabalhava isso, essa vaidade?

Edilmar - Aí tem uma dosagem forte do jovem. Eu era jovem. Já pensou, uma pessoa jovem ter um microfone na sua mão, não é? Ter acesso a clubes, ter acesso a personalidades, às meninas... Facilitava tudo. Eu tinha um programinha de rádio, o Musifone, que era noventa por cento (de) presença da meninada (bate na mesa), moçada. Um papo, conversa... Chamava: “Olha, vamos hoje...” Isso me apaixonou. O

rádio me deixou cada vez mais forte por causa disso, porque tanto o ouvinte como aquelas pessoas que trabalhavam, grupos de amigos meus, não é? Os que trabalhavam na rádio, os outros companheiros de outras emissoras.

Livia - E o senhor era muito popular por trabalhar no rádio?

Edilmar - Sim. Naquela época, você não tenha nenhuma dúvida, porque você (ele fala você referindo-se a ele mesmo) tinha um programa popular. Eu tinha um programa por semana, um programa de estúdio, capacitado. Ainda

“Como eu vim já para trabalhar numa rádio, aquilo me facilitou muito. Ampliou muito meu horizonte de vida dentro da capital”.

tinha um programa em que você pegava um rádio e um jipe e, com a frequência modulada dela, saía para fazer em toda a cidade. O rádio é muito próximo do povo. Às vezes você não conhece, e na televisão você conhece. Depois é que eu passei... Eu já vim do rádio, depois que eu cheguei na televisão e quando as pessoas me viram na televisão, aí ligavam uma coisa com a outra. A popularidade de uma pessoa de rádio é impressionante, impressionante.

Erivaldo - E para alguém que trabalhava ao mesmo tempo em que estudava, como é que ficava a vida social?

Edilmar - Se você, pelo trabalho no rádio, no caso, tinha facilidades, na medida do possível, você usufruía daquilo. No meu caso, eu sou um

pouco diferente porque eu saí de microfone de rádio, em tempo de estúdio, eu fui para um auditório de rádio e, depois, fui fazer crônica social. Como colunista social, aqui é que eu tive de frequentar mais a sociedade. É um caso um pouco diferente. É como hoje, qualquer colunista social frequente, tem de frequentar, porque a matéria-prima dele está ali, está na sociedade.

Roberta - E o senhor se deslumbrava com essa popularidade? Como é que o senhor lidava com essa popularidade?

Edilmar - Olha, eu procurava muito, muito, muito (bate na mesa) conscientizar-me de que aquilo não me deveria subir a cabeça. Tem que encarar aquilo como “não, é um trabalho que eu estou fazendo, isso é em função do que eu exerço, não é? Não devo permitir que isso suba a cabeça”.

Daniele - E como é ser popular e ao mesmo tempo morar na Casa do Estudante?

Edilmar - A vida do estudante permite que você... Porque a popularidade, ela decorre de quê? Decorre do seu serviço, não é isso? Se eu era popular, era graças a programas de rádio que eu tinha. O fato de ter a popularidade, em função de um programa de rádio, e ser morador da casa do estudante... Até o fato de ser estudante já ampliava, até dentro da casa mesmo, aqueles movimentos que surgiam lá dentro, reivindicação, isso aquilo outro, eles iam logo pra mim, porque... O acesso eu que tinha aos outros veículos, não é? Aquilo era bom para a própria Casa. As próprias lideranças estudantis que comandavam a Casa, eles me procuravam pra canalizar



A reunião da equipe de produção com o superintendente durou 40 minutos e ele foi muito simpático. Realmente tinha muito que contar. Após a entrevista, tomamos água e café.

Durante essa conversa, Roberto Prado entrou na sala. Aproveitamos para convidá-lo a falar sobre Edilmar, no que fomos atendidos prontamente.



Todos os entrevistados falaram muito bem de Edilmar Norões. Simpático, acessível, equilibrado... foi difícil que alguém citasse defeitos dele.

reivindicações junto aos outros veículos. Essa popularidade era perfeitamente... Você convivia com ela sem deslumbramento.

Jhon – Seu Edilmar, veio o casamento com a senhora Lucila. Em que foi que isso mudou a vida do senhor?

Edilmar – É, vida de solteiro... Uma vida de casado, não é? As coisas são diferentes. Inclusive eu, que nunca tive experiência de montar uma casa... Você monta uma casa. Tirar uma moça de dentro da casa dos pais dela... (ri) Ela que tinha um padrão de vida bom. Vamo-nos esforçar, vamos trabalhar com responsabilidade maior, não é? E encarar a vida, agora por um ângulo mais responsável. A partir do momento em que você resolveu casar, você também, a partir desse momento, tinha que criar responsabilidades pra você.

Jhon – E com a chegada dos filhos?

Edilmar – Sim, aí são etapas que você vai experimentando e a convivência e as responsabilidades vão te obrigando para que você se conscientize de que aquilo é com você. Aquilo dali você tem que partilhar com sua mulher, claro, é uma partilha. Você tem que dividir com ela, mas a responsabilidade maior é sua. E eu estava consciente disso. Ela, pela compreensão, entendia que o meu padrão não poderia ser aquele que ela tinha dentro de casa, isso aí a mulher tem que estar consciente.

Erivaldo – E em algum momento ela...?

Edilmar – Não, não, em absoluto. Ela era consciente disso... Morar mais humildemente, numa casa mais humilde, e isso é uma vida a dois que as pessoas devem estar conscientes disso. E ela tinha. Pra mim foi uma felici-

dade sobre todos os aspectos de ter uma pessoa que veio morar comigo, casar comigo, conviver comigo e dividir as nossas vidas responsabilmente. E vamos caminhando, esperando pelo que possa vir. Os filhos... Aí é que a responsabilidade aumenta, principalmente no nosso caso, que não foi um filho, foram seis. Às vezes, hoje controla muito, fica com um filho o casal, né? Nós temos seis.

Valente – E a relação com os seus filhos mudou alguma coisa depois do acidente com o Edilmar Júnior?

Edilmar – (Breve pausa)

“As próprias lideranças estudantis que comandavam a Casa, eles me procuravam pra canalizar reivindicações junto aos outros veículos”.

É uma coisa que dói, né? Dói porque... Você ter uma pessoa cheia de vida, como o Júnior, não é? Um garotão bonitão, estudante, com toda a expressão de viver (se emociona). De um momento pra outro passar na vida as circunstâncias que ele passou. Vinte e sete, vinte e oito dias dentro de uma UTI com a perspectiva, de um a dez, de vida, de um, dois, não é?

Fernando – E o que é que mais passava pela cabeça do senhor? O que o senhor mais pensava nesse momento?

Edilmar – Olha, é uma coisa tão difícil, que você precisa... Que você tem que ter muita força interior. Confiar no poder maior, né? (fala quase sussurrando e pausadamente) E acreditar que o

que houve já foi o pior e que aquela (dor) pudesse representar uma reparação. O que é que eu devo, em função disso, mudar, será que eu preciso... Nós precisamos mudar alguma coisa? (se emociona).

Andréa – Os valores do senhor mudaram depois do acidente, o senhor mudou?

Edilmar – Como eu te digo, eu não tinha valores que pudessem ser assim... Extravagantes. Levava uma vida muito regrada. O que eu poderia dizer pra você, por exemplo, é que eu não acompanhava a minha mulher, naquilo que ela sempre foi muito presente, na Igreja, certo? Católico, que vai à missa hoje, se perder amanhã não tem problema... Nesse aspecto, houve uma concentração maior, a gente viveu aquilo. É um momento muito duro na vida dos pais. Os pais sentem muito com isso.

Débora – Seu Edilmar, com essa vida social muito ativa que o senhor e sua família têm, dá pro senhor dizer se tem verdadeiros amigos? Fica difícil encontrar verdadeiros amigos nesse meio social?

Edilmar – A vida... amigos você sabe que (pausa) você conta nos dedos, não é? Tem gente que tem companheiros agradáveis, pessoas boas, convivência agradável, mas você rotular de amigo... Então o que você tem que procurar se conscientizar é de que você convive numa sociedade onde há pessoas com as quais você se dá mais e se dá menos. Pessoas que você deva confiar mais e deva confiar menos, não é isso? Eu, por exemplo, eu tenho um grupo de amigos que me são caros. Eu gosto imensamente de estar no meio deles, mas isso não significa dizer que cada um

Roberto Prado, diretor de jornalismo da TV Verdes Mares, disse que o “único” defeito de Edilmar é a altura. “Se tivesse mais alguns centímetros seria perfeito”, brincou.

deles seja aquela pessoa em que eu tenha ilimitada confiança. Não! Como eles também não devem ter essa ilimitada confiança em mim. Então, as amizades, a gente deve procurar medir. Até onde é que esse é meu amigo. Não é? Agora, a convivência, não. Pra você conviver em sociedade, viver em sociedade, é preciso você aprender. Eu vou, vou às festas, vou a reuniões. E até que freqüente em função também da minha vida profissional. Até já deveria freqüentar menos, porque é cansativo. Mas as amizades, essas são observadas de modo que você tenha amigos, que você se revele por inteiro. E têm outras que você: "Até onde que eu posso ir?"

Roberta – O senhor sofreu um infarto. Depois disso, o senhor teve de diminuir a sua vida social, não é? Como é que o senhor encarou isso?

Edilmar – É porque aí é uma limitação a que você tem que se submeter, não é? Porque são preceitos médicos que você recebe. Tem gente que não dá bola, não. Eu tenho um companheiro aqui na rádio Verdes Mares, que ele é um absurdo, bebendo uísque, fumando... "Qual é o problema?" Não liga! Tem gente que não liga. Eu posso até ser surpreendido com outro, mas eu procuro cumprir aquilo que o meu médico diz que eu deva fazer. Não será por exagero... "Vou sair, vou fazer o que eu acho que devo fazer, porque a vida é essa". Não. O médico disse que tem que andar todo dia e todo dia eu ando. Eu não andava, nunca dei um passo, vinha direto para o serviço. Todo dia eu ando. Tomar medicação? Todo dia são cinco, seis remédios, porque se eu não fizer assim... Está certo que o interesse maior deva ser

meu, não é? Mas eu tenho responsabilidade também com a minha família. Tenho de preservar a minha vida até em função deles, até não, também (*ênfatisa*) em função deles.

Andréa – O senhor teve medo de morrer?

Edilmar – Eu te digo, medo de morrer, a gente... Eu acho que cada um tem medo de morrer. Agora, no meu caso, eu me submeti à cirurgia pensando que não era, que não ia ser a cirurgia. Eu pensei que ainda ia fazer o exame e tudo. E achei bom por causa disso. Quando eu acordei já estava operado, pronto.

“Você convive numa sociedade, onde há pessoas com as quais você se dá mais e se dá menos. Pessoas que você deva confiar mais e deva confiar menos”.

Herik – Sobre a sua ascensão profissional. Como era a sua relação com os seus superiores na época da rádio Verdes Mares, no começo, como era a sua relação com as chefias?

Edilmar – Como eu te disse, quando eu vim pra cá, o Wilson Machado eu já conhecia, né? E não foi uma coisa muito fácil, porque a rádio Verdes Mares era como se fosse assim um agregado da Ceará Rádio Clube. Então as pessoas, os profissionais importantes... A rádio importante realmente era a Ceará Rádio Clube. A outra era uma dependência, nós podemos dizer, uma dependência. Então desde que tivesse ali, enquanto ela foi associada, porque ela só foi associada durante uns dois anos, porque ela passou para

o Paulo Cabral (*de Araújo, radialista e jornalista cearense, hoje radicado em Brasília. Foi prefeito de Fortaleza e hoje preside a Associação Nacional de Jornais – ANJ*), do Paulo Cabral foi vendida a um grupo político e desse grupo político foi passar para as mãos do senhor Edson Queiroz.

Daniele – Foi difícil a adaptação entre a rádio Araripe e a rádio Verdes Mares? Porque lá era o interior, era menor... O senhor teve facilidade?

Edilmar – Tive, porque quando eu cheguei na rádio Araripe, como eu te disse, o Wilson Machado, que era o gerente de lá, também era o gerente daqui, da rádio Verdes Mares. Então, com um tempo, você tinha pelo menos aquele cara em que você confiava, né? Porque não é fácil, você está num canto, se for pra outro... Eu, desconhecido, num lugar disputado, não é? Todo mundo... a disputa por lugar é um fato!

Andréa – O senhor era corajoso, ao microfone, mesmo com a rádio aqui... O senhor sabendo que as coisas eram diferentes ou não?

Edilmar – Aí você tem que confiar muito em você.

Andréa – E o senhor confiava?

Edilmar – Confiava, confiava. Porque eu achava o seguinte, eu digo: a avaliação do meu trabalho tem sido muito positiva. Pelas pessoas que iam de Recife pra lá... Porque era uma rádio associada, então iam pessoas de Recife, pessoas do Rio (*de Janeiro*). Eles avaliavam o meu trabalho, eles tinham uma avaliação boa, positiva. Então, eu digo: "Eu sei fazer isso em qualquer parte. Não é porque eu vou deixar o interior pra ir pra capital que eu vou deixar de fazer isso.



Na sala de Roberto Prado, enviado pela Globo para manter o padrão da rede, várias faixas de campeão e bandeiras do Flamengo.

Para as várias reuniões de produção, muitos sanduíches e iogurtes. O apartamento da Roberta tornou-se a sede dos encontros da equipe.



Em busca da definição sobre "o que queríamos da entrevista", foram muitas horas de discussão, nem sempre em tom ameno. Mas tudo acabava ficando bem.

Então eu vou encarar isso com naturalidade". Tanto que eu cheguei aqui, eu me lembro, um dos programas mais movimentados, mais prestigiados que a Ceará Rádio Clube tinha, eu lembro, "Divertimentos em seqüência"; umas quatrocentas pessoas naquele auditório. E eu cheguei, o Narcélio Lima Verde me viu fazendo esse programa lá no auditório, aí foi, me trouxe pro microfone. Já pensou, você chegar do interior pegando um auditório na capital com quatrocentas pessoas, assim, todo em clima de festa, programa com música? E ele me deu o microfone e eu fiz. Passei uns vinte minutos comandando esse auditório. Primeira vez que eu vim a Fortaleza.

Arizona – Seu Edilmar, como foi o primeiro contato do senhor com o Edson Queiroz?

Edilmar – Ele comprou a rádio e, pelo jeito dele, uma pessoa simples, no comando de um complexo de empresas, mas era uma pessoa que conversava de igual pra igual. Então ele comprou a rádio, me lembro. Trabalhava na rádio o (radialista, jornalista, professor aposentado da UFC e ex-senador) Cid Carvalho (faz uma longa pausa), um grupo de radialistas e ele chegou, aí disse: "Vocês me conhecem? Eu sou o Edson Queiroz. Essa rádio passou, a partir de hoje, a ser minha e eu já tenho informações de que a equipe é jovem e quem confiar em mim vai ficar trabalhando comigo. Eu tenho, já, duas pessoas aqui que me são conhecidas..." que era o Astrolábio Queiroz, superintendente, que até... morreu cedo, e o José Júlio Cavalcante que ainda está aí. Então, para nós foi uma agradável surpresa, porque ele disse que queria

confiar na equipe jovem que tinha. Lembrem-se que eu disse que a Verdes Mares era como uma dependência. A importância era da Ceará Rádio Clube. Ela era uma rádio musical, de poucos avanços. Para nós, pra mim, foi uma beleza. Vamos trabalhar com isso. A partir daí, ele foi dando delegações e a rádio foi se enquadrando dentro das normas, das diretrizes de empresa e com a vantagem de não querer ficar apenas num veículo, mas ficar ampliando aquele raio de comunicação.

Arizona – Na sua opinião, o interesse do senhor

"E não foi uma coisa muito fácil, porque, como eu disse também, a vocês, a rádio Verdes Mares era como se fosse assim um agregado da Ceará Rádio Clube".

Edson Queiroz na rádio, era ter uma fonte de renda ou era uma questão de estratégia, ter uma voz, um espaço?

Edilmar – Política não era (de forma enfática). Ele já comprou de um grupo político. Nunca quis ser político, era amigo dos políticos, mas nunca quis ser. Ele tinha uma visão empresarial e, como tal, quando ele adquiriu a rádio, quis dar à rádio uma diretriz empresarial, ou de empresa, né? E é por isso que ela cresceu, deu frutos e está aí. Toda vida, ele deu um sentido de empresa.

Daniele – O senhor falou que era uma equipe jovem e estava no meio dessa equipe, então, como o senhor conseguiu prestígio diante do Edson Queiroz?

Edilmar – Olha, as pessoas que eram mais fami-

liarizadas com a rádio e como a rádio foi adquirida sem trazer para... Então a empresa foi avaliando, não é? Quem poderia ou não ficar, quem poderia exercer novas funções.

Daniele – Como foi o seu acúmulo de funções? Porque no início o senhor falou que era um meio competitivo. Como o senhor conseguiu prestígio no meio desse grupo?

Edilmar – Olha, as pessoas que eram mais familiarizadas com a rádio e como a rádio foi adquirida sem trazer praticamente (nenhum profissional) de fora... Então, foi (se) vendo que aqueles profissionais ali eram identificados com a rádio. Com o desenvolvimento das ações de cada um, a rádio foi avaliando quem poderia ou não ficar, quem poderia exercer novas funções.

Andréa – O senhor disse que se acha um homem bem flexível. O senhor acha que essa flexibilidade influenciou para o seu acúmulo de funções?

Edilmar – É possível. Porque você sabe que o relacionamento ajuda, não é? Muitas vezes a pessoa se fecha muito, é difícil de diálogo... Eu procurava me aproximar, procurava servir e não queria saber a hora em que ia trabalhar. Eu digo isso a vocês: "jamais me pressionou saber a hora em que ia trabalhar". Eu fechei a Rádio Verdes Mares durante mais de dois anos. Era (o trabalho) até uma hora da manhã. Aí terminava, não tinha violência. Saía andando até a casa do estudante. Por quê? Porque tinha de fazer aquilo, o meu trabalho. As pessoas devem ter visto isso. Um cara jovem, estudante e dedicado ao trabalho. Eu poderia ir à festa depois de fechar a rádio. Uma hora da manhã, saía, só depois...

Apesar de tudo, a primeira proposta de pauta foi muito modificada e foi necessária a apuração de material complementar, para contemplar questões polêmicas da pauta.

Jhon - Então, o senhor atribui esse crescimento profissional ao reconhecimento pelo seu desempenho, pela sua responsabilidade, é isso?

Edilmar: Eu acho que cada um de nós, quando trabalha, principalmente, numa empresa particular, uma empresa de porte, as pessoas são avaliadas. Pode ter certeza disso. Principalmente, (porque) não pertencem à família, não tenho nada de família... É só o teu trabalho mesmo, não é? E é bom quando você sabe que uma empresa está te avaliando. É muito bom. Isso é ótimo. Porque você ganha posições certo de que aquilo é em função do que você está produzindo. Eu acho que é importante para cada um.

Herik - O seu relacionamento, primeiro com o Wilson e depois com o Edson Queiroz...

Edilmar - Com o Edson Queiroz, o meu relacionamento era ele o dono de uma empresa comprando a rádio e eu o conhecendo. Eu não tinha relacionamento de amizade, não. Agora, na medida em que eu fui trabalhando na empresa com ele, aí nós fomos também mantendo conhecimento com ele, sabendo que ele, naturalmente, como homem de empresa que era, ele queria conhecer as pessoas: "Eu vou trabalhar com quem? Eu vou confiar a minha empresa a quem?" Naturalmente, hoje tem um poder de avaliação, tem os recursos humanos, aquela coisa todinha, que você já entra todo... A pessoa tem tua ficha... Naquela época não tinha isso.

Fernando - O senhor falou de confiança. O que é ser uma pessoa de confiança do Edson Queiroz?

Edilmar: Olha, eu acho que você, num cargo de confi-

ança... Porque o cargo não era no sentido de hoje, que você pode dar um cargo de confiança... Era uma função que você exercia, uma função profissional. Porque ele frequentava. O Edson frequentava esse jornal aqui (Como a entrevista foi na sala de memória do Diário do Nordeste, ele refere-se ao jornal) todo dia. Ele vinha para cá e ia lá para dentro ver as máquinas funcionando, conversar com a equipe. Ele podia, era dele. Então isso ele fez na rádio, fez na televisão, na implantação da televisão. E quando ele comprou a rádio,

“Com o desenvolvimento das ações de cada um, a rádio foi avaliando quem poderia ou não ficar, quem poderia exercer novas funções”.

ele foi lá para dentro para saber, ver como era o trabalho de cada um. Ia, achava bom aqueles programas com telefone. Ele acompanhava tudo, ele sabia. Pra quê? Para ele poder avaliar as pessoas.

Erivaldo - O senhor falou que o Edson Queiroz tinha uma visão empresarial e não tinha envolvimento político. Só que a concessão da TV Verdes Mares, com o governo militar, em 1970, foi através de negociação. A gente sabe que é uma concessão do Estado. Então o senhor avalia que não houve uma ingerência mais política do que empresarial?

Edilmar - Olha, só pelo fato de ser uma época quando o poder político não estava prevalecendo, era revolução, governo militar... Se você

pleiteia, porque era um canal que estava sendo pleiteado, você pleiteava. Diferentemente de agora, e eu acho que o correto é agora, quando são vários critérios, inclusive quem dá mais. No Estado, você participa, tem aqueles critérios técnicos e tem o monetário também. Naquela época não, era uma concessão que o Governo outorgava a quem ele quisesse. No caso da Verdes Mares, essa segunda emissora para cá... Já havia uma autorização para um segundo canal em Fortaleza. Havia pessoas que estavam reivindicando o segundo canal. Como a Verdes

Mares já tinha uma rádio, quem já está no meio pleiteia, porque o governo da revolução entendia isso. Tanto que, nesse aspecto, o presidente deu muitas rádios a profissionais. Havia já esse pleito em função da Rádio Verdes Mares. Claro que você tem que se articular. Não vai chegar lá e "Tô querendo e se você quiser me dar..." Não é isso!

Você tem de articular o poder de acumulação, até porque interessava ao Estado mais uma. E outra: você se habilitar é uma coisa e você poder estar no ar é outra. Ele (Edson Queiroz) tinha esse propósito de querer um canal, sim, mas imediatamente implantar um novo canal e colocar no ar como foi. Essa estação foi implantada em seis meses. O governo viu os propósitos. Já tinha uma rádio, uma das maiores empresas do Estado, confiaram a quem estava querendo fazer isso. Não foi uma concessão apenas como se dissesse: "Olha, você bota esse negócio aí no ar e se der certo, se não der certo...". Não, houve responsabilidade. Eu acho que o que pesou foi o nível da empresa e a maneira como ele estava já se dedicando aos meios de comunicação.



Nesse segundo momento, a equipe direcionou-se melhor e conseguiu um calhamaço de documentos e detalhes importantes da vida do entrevistado.

O presidente do Sindicato dos Jornalistas, Paulo Mamede, forneceu importantes documentos, principalmente sobre a questão dos falsos profissionais.



Num domingo à noite, ligamos para a casa de Edilmar. Conversamos com a esposa dele, Lucila. Queríamos mais informações sobre quem foi Edilmar Norões até os 21 anos.

Aproveitamos para conversar também com Edilmar e tirar umas últimas dúvidas. Ao todo, foi quase uma hora ao telefone. Conseguimos todas as informações de que precisávamos.

Herik - Como foi a sua adaptação do rádio para a televisão? Como foi que o senhor lidou com isso para se adaptar ao novo meio?

Edilmar - Quando a televisão foi implantada, a gente sentia que o próprio Edson achava que o grupo, a direção, poderia também participar do novo empreendimento. Claro que trazendo pessoas, porque era um veículo inteiramente diferente da rádio. Nós fomos buscar uma pessoa muito experiente, de São Paulo, que tinha vindo implantar a Rádio Jornal do Comércio (*em Recife*), o senhor Amarílio Nicéias, muito experiente. Ele foi quem veio para cá para implantar, e trazendo pessoas experientes da TV Ceará. Um grande cenógrafo, Rinauro Moreira, o cinegrafista Polion Lemos (*ainda hoje está no canal 10, é diretor do Departamento de Cinema*) e outras pessoas que vieram, o Ildeberto Torres... Essas pessoas vieram, para, naturalmente, dar as diretrizes. E nós, aqueles que faziam a Verdes Mares, procuravam também aprender. Você fazia parte dessa direção e ele confiou a que o grupo continuasse participando também do processo de televisão. A experiência foi muito válida, embora houvesse uma diferença muito grande na linha de programação da TV Verdes Mares e da TV Ceará. Por quê? Porque a TV Ceará, sem dúvida alguma, de um pioneirismo excepcional, dispunha de uma programação parecida com a de outros centros. Aqui, eles procuravam, eles mesmos, produzir. Um grupo fantástico, que veio, pra sempre, fazer parte da história das comunicações do Estado do Ceará.

Débora - Sua paixão continua sendo pelo rádio ou quando chegou à televi-

são o senhor se apaixonou?

Edilmar - Eu sou apaixonado pelo rádio. Eu ainda sou daqueles que têm um radinho AM, porque Am é que é rádio. O outro (*fala do FM*) é uma vitrolzinha. Eu não desligo o rádio AM. Vou fazer minhas andanças, eu levo um rádio. Acho bom porque num instante passa o tempo. Eu boto um programa daqueles, ou se for na hora do jornalismo, eu já sei que são 25,30 minutos. Eu gosto de ouvir rádio.

Herik - Quais são os radialistas que o senhor admirava e que o senhor admira?

“E é bom quando você sabe que uma empresa está te avaliando. (...) Isso é ótimo. Porque você ganha posições certo de que aquilo é em função do que você está produzindo”.

Edilmar - Olha, quando eu estava no Crato, a rádio que se ouvia muito lá era uma rádio de Pernambuco e uma rádio de Salvador. E a rádio Tupi, do Rio, a rádio Nacional. Mas na rádio de Pernambuco tinha um radialista que ganhou nome nacional, até porque era poeta. Fazia o programa “Pernambuco você é meu”. O nome dele está me fugindo. Isso lá em Pernambuco. Aqui você tinha o João Ramos, admirável sob todos os pontos. Um radialista completo. Um ator, um produtor. Um comunicador, um galã. O João Ramos deve ser sempre apontado como um radialista excepcional.

Herik - Hoje tem essas pessoas completas, como era o João Ramos? Quem o

senhor admira?

Edilmar - Olha, você sabe por que é também? Porque o formato do rádio mudou um pouco. Antes você tinha de fazer tudo isso. O rádio tinha de preencher todos os claros. O rádio tinha de fazer o que a televisão faz hoje. E você tinha de aprender mais. Por exemplo, os comerciais eram ao vivo. Nada era gravado, porque não tinha gravação. Eu me lembro que essas meninas que faziam comerciais ao vivo ficavam na porta da televisão. Tinha uns caras aqui que eram os bambas em comerciais ao vivo. Você decorar o texto!

Outra coisa é você chegar hoje, vai pra uma agência dessas daí, aí o cara “bora, pára” (*batendo forte as palmas*), não é? Até quando grava aqueles trinta segundinhos. Outra é você fazer: “Abra a câmera, programação no ar. Abra a câmera (*falando alto e com ênfase*). Trinta segundos”. Ou quinze segundos, como são comerciais. Então você tinha um número de pessoas aqui que faziam esse tipo de comercial. Porque nada era gravado. Eu me lembro que eu fazia um programa político na televisão, no horário super nobre, entre a novela das oito e o show da Globo. Eu ficava ali, diante da câmera. “No ar” (*bate palmas e repete o gesto indicativo de que entraria ao ar*). Deram-me uma “sanfonazinha” de tempo, aí ele me dava um minuto, um minuto e meio, dois minutos, pra eu desenvolver aquilo. Hoje não, você tem um teleprompter, tudo o que você está dizendo está lendo, né (*sorrindo*)? Mas era isso.

Erivaldo - Os profissionais da televisão, quando ela foi implantada aqui, migraram do rádio. Hoje, algumas emissoras ainda permitem que esses profissio-

nais venham do rádio. O que o senhor acha disso?

Edilmar – O rádio é uma grande escola. Eu só acho que o rádio também deva trabalhar... Os profissionais de rádio também devem... A tendência dos profissionais de rádio, a tendência do rádio... Tendência, tendência (*fez questão de enfatizar*) é que eles devam também ser preparados, não apenas pela vocação. Porque é importante que as pessoas, em qualquer atividade, principalmente na área de comunicação, saibam, tenham conhecimento das coisas. Então se você frequenta, por exemplo, a escola de vocês... As pessoas que frequentam a escola estão potencialmente mais capacitadas do que quem não frequenta, isso é óbvio. Isso é o óbvio. Pra fazer o rádio de serviço, o rádio de comunicação... Não pra fazer o rádio musical, pra esse aí não precisa nada. Uma vozinha ali qualquer... Mas para exercer o rádio como se propõe uma emissora eclética, quanto mais o profissional esteja preparado, melhor. Você precisa ter conhecimento. A pior coisa do mundo é você ir fazer uma entrevista com uma pessoa e você desconhecer, não saber perguntar bem. Você não se prepara para fazer as perguntas. Quanto mais a pessoa tiver conhecimento, ela exerce com mais competência a sua função.

Herik - O senhor acha que a preparação acadêmica, a formação do jornalista é importante para a atuação (profissional)...

Edilmar – É. É. Não tenha dúvida disso. Você passa quatro, cinco, seis anos dentro de uma faculdade, aprendendo. Você só está ali aprendendo.

Daniele – E qual a sua opinião sobre os radialistas

na televisão?

Edilmar – Eu estou dizendo, se ele tiver a formação acadêmica, melhor. Você não tenha dúvida. Ele tendo a formação acadêmica... E eu te digo, a tendência é essa, você não tenha dúvida. Não é que as pessoas que estavam, ou que estão, se elas não tiveram “aquilo outro”, o meio rádio tem uma legislação um tanto... Por causa disso, eu acho que a faculdade aqui há muito tempo já deveria ter uma formação de rádio. Porque, se não, hoje o radialista ou vai para o esporte ou vai para a polícia. A formação acadêmica

“Ele (Edson Queiroz) tinha esse propósito de querer um canal, sim, mas imediatamente implantar um novo canal e colocar no ar, como foi”

é excepcional. Eu acho que jamais uma pessoa poderia discordar disso.

Simões – Então o senhor concorda que a empresa que contrata um jornalista profissional que não passou pela formação acadêmica, em detrimento daquele que passou, está cometendo um grave erro.

Edilmar - Tem umas vertentes aí que você tem de examinar. Porque há até situações como essa, aqui dentro da Verdes Mares, como de outras estações, certo? O que eu estou dizendo a você é o seguinte: a situação, hoje, a situação do meio rádio (*repete a expressão três vezes*), que tem uma classe, que tem sua própria estrutura de ver o profissional, de acompanhar o profissional, como, no caso, o

Sindicato dos Radialistas. Eles têm o sindicato deles. Na convivência deles, eles agem como quiser e está lá uma legislação em que há um conflito. Há um conflito. Nós temos essas pendências aqui, desagradáveis sob todos os pontos. Nós queríamos que tudo isso pudesse ser resolvido de uma forma que não houvesse conflitos, mas os dois sindicatos (*dos jornalistas e dos radialistas*) estão aí em conflito, cada um achando que... O Sindicato dos Radialistas chega aqui, o presidente do sindicato chega aqui e diz: “O meu pessoal pode exercer

isso, aquilo outro...”, aí o Sindicato dos Jornalistas: “Não pode, porque só pode exercer, na função de jornalismo, isso, mas esse aqui está exercendo uma função que não é...”. Então esse conflito existe e é desagradável para todas as partes. Não há nenhuma dúvida disso. Jamais negaria. Porque eu acho que é importante, o profissional, no exercício dele, ele ter uma formação acadêmica. É importante e eles estão procurando, todo mundo quer ter a formação acadêmica. Muitos que estão sob observações, dentro daquela tendência que está havendo, estão procurando se formar.

Roberta – Mas muitos também não estão.

Edilmar – Entenda. Você também não pode mudar tudo de uma vez, de uma hora para a outra. Vamos observar, aqui, vamos falar no nosso campo (*na Verdes Mares*). A maior parte, praticamente, é jornalista. Na área específica, é jornalista. E dificilmente está entrando um que não seja jornalista. Há casos, que vão ser reparados, claro que com o tempo vão ser reparados. E a tendência é essa. Até porque os próprios sindicatos das duas



Na segunda discussão da pauta, com as alterações propostas e os novos documentos apresentados à turma, tudo correu “bem” e foi resolvido em poucos minutos.

A equipe de produção chegou ao local da entrevista 40 minutos antes do horário marcado. Alguns alunos já se encontravam lá. Todos estavam muito ansiosos.



Antes da entrevista, enquanto estávamos na recepção, Edilmar entrou quase correndo no jornal. "Todo mundo já chegou? Já volto!".

categorias continuam conversando. Bicudos, os dois, não se beijam, mas continuam conversando. Na área de rádio, especificamente naquela atuação de rádio, e na outra. Porque ficam umas coisinhas: "Pode ser locutor-entrevistador e não pode ser repórter", aquelas coisinhas... O cara que vai fazer, se ele sabe fazer, então o cara vai botar. Ele está amparado aqui pelo sindicato de dc, o sindicato diz que ele pode, ele sabe fazer... Esse conflito realmente existe.

Débora - Como é que o senhor acha que poderia ser resolvido esse problema entre o Sindicato dos Radialistas e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais?

Edilmar - A boa vontade é sempre uma coisa muito... Seria muito bom (sorriso). A gente pensa que é... Eu já quis entrar nisso, mas aí, num determinado momento, a conversa... Eu acho que poderia ter um... O Dcdé (Aderison Maia, presidente do Sindicato dos Radialistas) acha que é mais difícil, que é o homem do Sindicato dos Radialistas. Ele traz um "catatau" dizendo que pode, mas com aquela propriedade: "Está aqui, amparado, entregue ao nosso (departamento) jurídico". O Sindicato dos Jornalistas, num direito que lhe assiste, acho que ele tem o direito de lutar até o fim para defender o associado dele, o profissional dele. Então ele diz: "Não pode". Então fica aquele conflito. Agora, essa coisa é uma tendência que eu acho. Eu vejo muito por uma tendência.

Jhon - Existe um documento, que é um parecer da assessoria jurídica da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais, a FENAJ, que deixa bem descritas quais são as funções

que podem ser exercidas por radialistas dentro da televisão. E estas não estão ligadas ao exercício do jornalismo, a apuração e divulgação de notícias. No entanto, verifica-se, aqui no Sistema Verdes Mares, um grande número de profissionais que têm essa função. O senhor não acha, principalmente na qualidade de bacharel em Direito, que o primeiro passo seria cumprir essa lei, afastar essas pessoas e condicioná-las para que elas possam voltar à empresa?

Edilmar - Essa é uma in-

"Ele me dava um minuto, um minuto e meio, dois minutos, pra eu desenvolver aquilo. Hoje não, você tem um teleprompter, tudo o que você está dizendo está lendo".

terpretação, não é? Veja lá. Em nenhum momento a empresa ficou amparada apenas numa vontade própria da empresa. "Eu vou botar fulano para exercer isso porque eu quero". Não, não existe isso. A posição adotada pela empresa é respaldada por uma informação do sindicato a que a pessoa pertence. E isso foi o que o nosso superintendente (Mansueto Barbosa) levou para a instância onde estava a pendência. Então ele disse "Está aqui...". Isso não é uma vontade: "Vai ser por isso", não. Ele está respaldado nisso. Se há um conflito de leis... Um conflito de leis. Pelo menos, o sindicato que os ampara foi que mandou a legislação. É uma coisa conflitante. É uma coisa que existe. Agora, não é uma

deliberação própria. Não é uma vontade.

Jhon - Então, o senhor afirma que, ficando provado que o Sindicato dos Jornalistas tem razão em fazer esse tipo de reclamação, a empresa vai adotar uma postura de corrigir esse problema?

Edilmar - Não tenha dúvida. A partir do momento em que não haja nenhum amparo legal da outra parte, não tem nem dúvida. Mas o que o Sindicato dos Radialistas mostra é que tem um amparo legal, que há um conflito de leis. Eu tinha um professor na faculdade que dizia o seguinte:

"Vocês que estão se formando, quando chegar alguém pra lhe contratar como advogado e lhe contar a história e você achar que aquele caso não tem jeito, o que ele poderia dizer 'não tem amparo legal'. Vocês pensem duas vezes. Olha, essa biblioteca (apontando para a parede, como se fosse uma estante cheia de livros). Daqui pra cá dá direito a um. Daqui pra lá dá direito

a outro (sinalizando do ponto central da parede para cada uma das extremidades)". Então é um conflito. Porque o Sindicato dos Radialistas, veja lá, ele briga na defesa do pessoal dele. Ele vai lá. O presidente do sindicato disse que se compromete a ir lá fazer a defesa do pessoal, dois ou três ou quatro.

Valente - Se o senhor fosse o juiz da questão, o senhor determinaria razão pra que lado?

Edilmar - À luz dos altos, você só pode julgar à luz dos altos. O juiz que, naturalmente, julgou, ele entendeu que as alegativas do Sindicato dos Jornalistas deveriam ser as corretas. Agora, o sindicato, a empresa, amparada no que diz o sindicato, o Sistema Verdes

A exemplo do que ocorrera com Lucila Norões, ao ver Edilmar pela primeira vez, muitos se surpreenderam com a estatura dele. Pela voz, imaginava-se que seja diferente.

Mares de Comunicação fez um apelo, um recurso. Pode ser que perca. Mas tem que ver a coisa julgada.

Débora – *O senhor não acha que isso compromete a qualidade da informação? No momento em que se deixa de contratar o jornalista profissional e se contrata um radialista?*

Edilmar – Você está certa. A avaliação de competência para o exercício do cargo é sempre importante, é fundamental. Se a pessoa está exercendo aquele cargo, eu acho que está sendo avaliada como competente para o exercício daquele cargo. Você não tenha nenhuma dúvida disso. Pode até botar ali no escanteio, ficar ali só pra receber o dinheiro, mas para o exercício, a competência dele tem que ser avaliada. E é avaliada. Você não tenha dúvida disso. Por exemplo, você tem uma pessoa que hoje está na chefia, é o diretor de jornalismo aí (*Roberto Prado*).

O senhor Roberto Prado é um cara exigente, como profissional, ele é um cara exigente. Muito exigente na competência profissional. Quem trabalha com ele sabe o quanto ele é exigente na competência profissional. A pessoa exerce, pode até que não esteja habilitada conforme o sindicato X ou o sindicato Y, agora, a avaliação profissional, você não tenha dúvida que nisso ele é exigente. Essa equipe que está (*atual equipe de produção, reportagem e edição da Verdes Mares*) aí é reconhecida não apenas aqui, mas é reconhecida por todo o pessoal da Globo. Que hoje você sabe que a Globo faz cursos internos, como há pouco tempo, já vai haver outro. As pessoas são medidas, são avaliadas no seu desempenho. É exigente.

Quanto à avaliação profissional eu acho que, sob esse aspecto, até porque ele tem sinal aberto pra agir, inclusive editorialmente. A linha editorial do jornalismo na Globo, ela é editada nacionalmente. E a empresa aceitou isso.

Jhon – *Voltando um pouco para questão da pendência entre o Sindicato dos Jornalistas e dos Radialistas, falsos profissionais, em atividade no jornalismo cearense. O senhor não acredita que essa defesa ferrenha que o Sindicato dos Radialistas faz para que seus profissionais continuem*

“Você não se prepara para fazer as perguntas. Quanto mais a pessoa tiver conhecimento, ela exerce com mais competência a sua função”.

inseridos no mercado jornalístico se deva pelo interesse pelo repasse da verba assistencial. Esse é um outro problema também que está acontecendo também aqui no Sistema Verdes Mares. O nivelamento dos profissionais (jornalistas) na categoria de radialistas o que faz com que o repasse da verba assistencial, ao invés de ir para o Sindicato dos Jornalistas, vá para o Sindicato dos Radialistas que é uma outra coisa pela qual o Sindicato dos Jornalistas está brigando na justiça. O senhor acredita que eles vão continuar empurrando essa situação por mais tempo que puderem em função desse interesse financeiro? O senhor acredita nessa possibilidade?

Edilmar – O pleito do Sindicato dos Radialistas, esse negócio do repasse, ele foi entendido... Volto novamente ao problema que é a base. É um sindicato defendendo, como direito seu, no caso específico, esse repasse. E, no mostrar que tem direito é que superintendência acatou. Eu até não poderia discutir a decisão acatada pela superintendência porque é uma decisão de empresa. Eu sou subordinado à superintendência, está bom? Então foi uma decisão tomada pela superintendência, conseqüentemente pela empresa. Acatando uma justificativa do sindicato, que novamente é um assunto questionado e está para decisão judicial.

Jhon – *O senhor, como já disse, é subordinado à superintendência, mas, de todo modo é uma voz importante na empresa, dentro dessa área do jornalismo. O senhor, como jornalista, não acha que deveria usar dessa sua importância, do peso do seu nome na empresa em defesa da profissão do jornalista?*

Edilmar – A gente junta a defesa da profissão, não apenas em determinados pontos. Há pontos que você... O jornalista está num cargo de direção, também o radialista está num cargo de direção, porque eu sou um radialista e sou um jornalista. Num cargo de direção de uma empresa de comunicação, não é? Então, eu defender dentro do que você coloca uma reivindicação de um sindicato ao qual eu pertença e a um sindicato, também que está conflitando e que eu pertença também. Por isso que, no caso, manda o bom senso, que o Edilmar Norões, nesse ponto, ele seja o diretor da empresa. Como diretor da empresa, subordinado à supe-



Ninguém havia ainda estado no Salão Memória do Diário do Nordeste, local reservado para momentos importantes. Por isso, havia também grande curiosidade e expectativa.

A sala só poderia ser aberta depois que a administração liberasse. Antes disso, um funcionário entrou lá para limpar o local.



A sala é ampla, muito bonita e repleta de troféus e capas do jornal Diário do Nordeste emolduradas. Há apenas uma capa do extinto Jornal da Rua.

Entre as capas expostas, estão os números zero e um do Diário do Nordeste. "Aqui é bonito, não é? Fiquem à vontade", disse o entrevistado.

rintendência que foi quem acatou a essa reivindicação levantada pelo sindicato.

Fernando – Isso configura um Edilmar conciliador? Por conciliar o trabalho dele com as situações dentro do grupo?

Edilmar – Sinceramente, tem determinados pontos que (pausa) eles são tão ressaltados que os outros, às vezes, passam despercebidos. Nós temos feito muitas coisas que mostram também o lado de querer prestigiar, de querer mostrar o trabalho do jornalista. Por exemplo, qual é a emissora de rádio que tem um departamento jornalístico, com jornalistas? Qual é? Departamento, com vários profissionais. Era pra ter acabado há muito tempo: "Não, rádio você faz uns noticiários, você pega, corta, jornal de manhã... como eu ouço aqui na rádio, quando eu faço meu noticiário pela manhã, o sujeito está lendo meu Observador Político, minha coluna política, certo". Nós

temos ainda, dentro da rádio, um departamento de jornalismo praticamente com todos (jornalistas)... as pessoas mais antigas, se tiver ainda, um ou dois mais antigos que vieram ainda da rádio. As emissoras, praticamente aproveitam do jornal, botam pra lá... nós temos o nosso departamento de jornalismo dentro da rádio Verdes Mares. Quer dizer, não é essa posição de rebeldia contra a classe, pelo contrário. O jornal, por exemplo, o Diário (*Diário do Nordeste*). O Diário, já aí, onde o radialista nem entra: "Não, esse aí eu nem entro, o jornal não é comigo, não é?" É um campo restrito ao jornalismo. Agora, enquanto houver esse conflito, essas divergências no setor rádio, no setor televisão haverá isso. A não ser que

chegue, de uma vez por todas, uma legislação muito clara, que não dê margem a mais (conflito). Embora tenha jornais, nós sabemos disso, nós somos profissionais, que a reserva de mercado, eles condenam a reserva de mercado, não é? Jornais importantíssimos do Brasil.

Daniele – O senhor condena?

Edilmar – Eu acho que o jornal, o veículo jornal, jornal, jornal (*repete com ênfase*), ele deve ser exclusivamente dos jornalistas. Na hora que vier uma definição em termos disso (*da televisão*), ninguém vai

“O Sindicato dos Jornalistas, num direito que lhe assiste, acho que ele tem o direito de lutar até o fim para defender o associado dele”.

questionar. O questionamento se faz pela dubiedade da lei, a legislação é dúbia, não tenha dúvida disso, não. É tanto que a maior parte, praticamente, a maior parte dos setores jornalísticos, os setores profissionais... oitenta, noventa... Aqui mesmo na televisão não dá uns noventa por cento, não? Dá. Noventa por cento de jornalistas.

Jhon – A gente não tem esses números. A gente sabe que tem vários que não são.

Edilmar – Não, mas deve ser de noventa por cento pra lá. Eu dou mais Eu estou dizendo que dez ou vinte por cento que estejam, eles estão amparados pelo que o sindicato deles defende. Não somos empresa que está dizendo isso. O sindicato deles alega, e justifica, trazendo toda uma

legislação, que eles (*radialistas*), que o sindicato deles têm direito.

Jhon – E a empresa vai aguardar uma decisão final da justiça?

Edilmar – Deve aguardar.

Roberta – No caso da qualidade da informação, esses dez por cento de radialistas que continuam trabalhando com jornalismo dentro do Sistema Verdes Mares, eles não prejudicam a qualidade da informação?

Edilmar – Veja lá, eu disse aqui que os profissionais que trabalham no jornalismo, na Verdes Mares, eles são avaliados pela direção do jornalismo (*fala pausado*). E a direção é um homem experiente de jornal. É um jornalista que já trabalhou nos grandes jornais do país e em televisão. Essa avaliação, ele faz. Ele é exigente nessa avaliação. Então, eu digo a você que, embora seja uma pessoa amparada pelo Sindicato dos Radialistas, ele tem uma avaliação jornalística por um profissional da área.

Fernando – Seu Edilmar, o senhor colocou que o jornalismo, como mídia impressa, ele deve ser feito por profissionais. Os profissionais que devam exercer o jornalismo televisivo e que vieram do rádio são diferentes?

Edilmar – Eu disse a você que como não há nenhuma brecha legal para que alguém que não seja jornalista profissional, formado, trabalhe em jornal, eu não acho que deva se furar aí. Se a legislação determina que o veículo jornal é um trabalho exclusivo, é reserva de jornalistas, não se deva, em absoluto, ir atrás de contrariar essa lei. E aos editores do jornal cabe avaliar seus profissionais. Agora, no setor televisão, no setor rádio,

se há uma legislação deles que dá margem que eles trabalhem lá, a avaliação é importante pela chefia. Então, a chefia deve fazer essa avaliação. Ele faz avaliação do jornalista ou não jornalista, do radialista e do jornalista. Ele faz essa avaliação, o senhor Roberto Prado, aí, ele faz essa avaliação, tranquilo. Seja jornalista ou se o cara que tiver aí for de rádio, ele faz do mesmo jeito. Então, essa é uma avaliação de um profissional na área. Primeiramente, tendo pessoas que não são jornalistas, mas têm o amparo do Sindicato dos Radialistas. São amparados. Pra empresa, o que vai valer aí, é a avaliação da chefia. Se a chefia disser: “essa pessoa aqui...”, ou sendo jornalista, ou sendo radialista, “ela que está aqui não dá conta do recado...” nós tivemos alguns casos aí.

Valente – O fato de ter um filho, no caso o Paulo César Norões, chefiando a redação sem a formação, sem a capacitação profissional, torna essa questão muito incômoda para o senhor, particularmente?

Edilmar – Primeiramente, não fui eu quem o escolhi pra lá. Nem escolhi para ele ir pra chefia e nem o escolhi pra trabalhar na televisão Verdes Mares. Quem o colocou foi o diretor de então. Eu até acho que o colocou para facilitar o ingresso de uma pessoa dele. Paulo César, moço, gosta dessa área de rádio e televisão, ele se presta muito bem (*pausa*). Colocou o Paulo César. Por índole, eu não gostaria que ele trabalhasse, não é pelo fato dele ser jornalista ou radialista, eu não queria que ele trabalhasse na empresa porque eu acho que não deveria ter uma pessoa da empresa, porque eu já sou da empresa, porque isso é um princípio meu. Inclusive,

até minha mulher, no início, até reclamava. Eu disse: “Olha, não tem o meu aval pra isso”. Tanto que, quando o (*jornalista*) Tancredo Carvalho, que chefiava a Jangadeiro, disse: “Norões, eu vou fazer uma traição contigo, eu vou fazer um convite ao Paulo César”. Eu disse: “Leva o Paulo César. Vai ser uma oportunidade melhor porque vocês estão na (*Rede*) Bandeirantes e lá a Bandeirantes tem mais esportes, e ele gosta de esportes”.

Aí ele casou com a Simone (*Morais – atual apresentadora do Jornal do Meio-Dia da TV Verdes Mares*),

“Ele (*Roberto Prado*) tem sinal aberto pra agir, inclusive editorialmente.

A linha editorial do jornalismo na Globo, ela é editada nacionalmente. E a empresa aceitou isso”.

porque... ele era para ter ficado no Rio (*de Janeiro*). Ele foi passar, arranjou um estágio de uma semana no Rio, na Globo. Ele arranjou lá, com um cara de lá. Eu não sei nem quem é o cara de lá. Foi passar uma semana, ganhou um mês. Terminou o estágio premiado pra fazer Fla-Flu (*Flamengo x Fluminense*). E só não ficou lá porque ele veio pra cá com negócio de casamento porque queria casar, é um direito dele. Se não, ficava era lá, solteiro... Então quando ele estava aí e o Roberto Prado veio dentro dessa política de Rede (*padronização dos jornais locais das afiliadas da Rede Globo*), ele escolheu o Paulo César e foi comunicar ao senhor Mansueto Barbosa (*superintendente do Sistema*

verdes Mares de Comunicação). Olhou (*Roberto Prado*) o trabalho de cada um, viu quem poderia ser, quem não poderia ser e escolheu o Paulo César. O Mansueto veio me comunicar.

Agora, dizer a qualquer pessoa que ele não está aí porque é meu filho, é difícil. Vai chegar e dizer: “Não vai dizer que a Simone veio pra cá porque...” A Simone quando veio pra cá, ela não era nem namorada do Paulo César, ela era da TV Cidade, veio para aí e eles namoraram. Mas dizem: “A Simone veio para aí por causa do Edilmar Norões”.

E isso aí ninguém vai... Eu tenho uma menina, Klicinha (*filha mais nova de Edilmar e Lucila*), que seria uma bela jornalista, tanto que está fazendo marketing (*na Unifor*). O pessoal já quis trazer três vezes. Ela tem uma boa presença, é uma garota bonita, sabe falar, tem desenvoltura. Quiseram trazer três vezes para ir para a TV Diário. A mãe: “Não, coisa e tal...” Arran-

jaram um lugar lá. Não, eu não quero! Agora, é difícil e principalmente depois dessa escolha feita pelo senhor Roberto Prado, que tem carta branca aí pra fazer o que quiser. É uma pessoa de Rede dentro do grupo. Agora, sinceramente, o Paulo tem uma coisa que é uma beleza, ele lê muito, tudo ele lê, sempre gostou. Lê, devora. Então, isso facilita muito. Ele era para estar no jornalismo, ele fez Filosofia, foi Filosofia? Como é que está lá, a Faculdade? Ele fez Letras. Era pra ele ter mudado o negócio (*o curso*), está entendendo (*Paulo César chegou a tentar uma transferência para o curso de Comunicação Social*)? Fez, fez Letras. É porque ele foi se envolvendo com aquilo, aquilo outro (*com*



Há pequenos refletores iluminando as capas de jornais da sala. A única lâmpada apagada era a do jornal da Rua.

Na sala, como em quase todas as outras do Sistema Verdes Mares, há um quadro grande com a foto de Edson Queiroz.



Na mesa em que ficariam os entrevistadores, havia muitos papéis e documentos, causando certa bagunça. Imediatamente Edilmar pôs-se a retirar tudo de cima da mesa.

o trabalho). E ele está fazendo essa que o sindicato está em cima, lá, a Gama Filho. Ele tem interesse em fazer.

Só um minutinho viu? (para pra assinar alguns documentos).

Erivaldo – Muitas pessoas que estão aqui (no Sistema verdes Mares) exercendo o papel de jornalistas são parentes de pessoas que trabalham aqui. Isso é coincidência? (pausa) O Ismael Aragão é filho do Edison Silva, tem o Victor Hanover, que é parente do Tom Barros e tem o Paulo César Norões que é filho do senhor, e a lista vai se estendendo e todas essas pessoas são escolhidas pelo chefe, Roberto Prado?

Edilmar – As pessoas que trabalham lá, escolhidas ou não, a carta branca ele tem. Se ele quiser, ele tira qualquer pessoa que ele tenha hoje lá. Desde quando ele assumiu, nós demos essa carta branca pra ele. Ele recebeu a carta branca da empresa. Ele é que faz a avaliação dos profissionais. Se o profissional atender às exigências dele, o profissional fica. Se não atender, como em alguns casos, o profissional sai.

Herik – Então o senhor acha que não há nenhuma influência da pessoa da família para a escolha desses cargos?

Edilmar – Não, porque... Você poderia até dizer, no meu caso, poderia até ter alguma influência porque eu sou diretor. Mas o Edison Silva, qual a influência que o Edison Silva tem aqui? O Tom Barros é um funcionário como outro qualquer. Não tem nada, isso é uma empresa grande. Isso é uma empresa grande. Não tem nada, nada, nada, nada. Poderia ser uma coincidência. Não tem, pode ser coincidência. No meu caso, qualquer um pode

dizer e o ônus... Não tem o bônus de ser diretor? Tem o ônus também, você pode chegar e dizer: "Não, o Paulo César está aí, ele não tem méritos. Ele tá aí só porque é filho do Edilmar Norões". O que é que eu posso dizer? É um julgamento seu. E que eu posso até responder, mas ele é meu filho e eu sou diretor. As pessoas vão dizer na hora em que for fazer uma avaliação... Embora ele tenha tido o aval da Globo Nacional. Você vê os relatórios mensais que chegam de lá, que vão cópias pra nós. O conceito que tem o departamento (regional) hoje

“Embora seja uma pessoa amparada pelo sindicato dos radialistas, ele tem uma avaliação jornalística como um profissional da área”.

na Rede... É um dos principais. Agora, se alguém disser que não é coincidência, o que é que eu posso fazer? A pessoa chega e diz: "Não, o Paulo César está fazendo o programa porque é filho do Edilmar Norões". O que é que eu vou fazer? Eu me calo. Só estou respondendo aqui a vocês porque eu me submeti a participar da entrevista e acho muito natural vocês questionarem o que quiserem. O Virgílio Távora (ex-governador do Ceará, já falecido) dizia o seguinte: "Perguntem o que quiserem e eu respondo o que eu quiser". Aqui, não, eu quero que vocês perguntem tudo, estejam muito à vontade. Eu aceitei participar acho que é um direito de cada um. Os casos existem, não é uma coisa escondida ali. A pendência judicial... Os problemas exist-

tem. Aí, eu volto a dizer. O Sindicato dos Radialistas os ampara, a empresa aceitou isso. Até que chegue uma determinação consumada dizendo que não pode. Se não pode, pronto. Se não pode, não pode, o que vai fazer? Se não pode, não pode. Não vai contra isso, não.

Débora – O senhor falou, no começo da entrevista, que jovem pegou no microfone muito cedo e que incomodou um pouco. Muitos desses profissionais processados pelo sindicato, são estudantes de comunicação que atropelaram seus estudos por terem iniciado na profissão muito cedo. Existem estudantes na redação contratados, na televisão. O senhor acha sadio essa entrada dos estudantes?

Edilmar – Como convivência deles no ambiente que será o futuro deles... Eu acho sob esse aspecto (concorda). Agora se, legalmente, se a lei não permite que eles tenham acesso, né? Sinceramente, eu acho que, uma das grandes frustrações que eu tive foi não ter podido, como acadêmico de Direito, ter aquela convivência no Fórum, porque aí eu não tinha tempo. O meu tempo só era para as aulas. Aí eu não tinha tempo, por exemplo, seria o quê? Uma aula prática, ir ao Fórum, ir ao Instituto Médico Legal...

Jhon – O senhor está à frente do Sistema Verdes Mares, que é o maior sistema de comunicação do Estado. Qual é, na opinião do senhor, a contribuição quantitativa e qualitativa do Sistema na produção cultural do Estado?

Edilmar – Cobra-se muito, principalmente, da televisão. A participação dela deveria ser maior e por que é que isso não

Antes de a entrevista começar, um pequeno problema: faltavam cinco cadeiras. O início da entrevista atrasou em cinco minutos, o que beneficiou alguns atrasadinhos.

tem uma contribuição maior? Porque nós trabalhamos em rede. E o tempo dado às emissoras em rede é um tempo muito limitado. Por causa disso ela talvez não ofereça a produção que seria o ideal. Agora, se você acompanhar o trabalho que a Verdes Mares tem tido, com a preocupação de participar de todos os movimentos culturais da cidade, promoção... Ela mesmo tomando a iniciativa de promover. O jornalismo que faz... Eu acho que isso é uma forma de você contribuir, de você participar. No aspecto formal mesmo de televisão, Televisão Verdes Mares, eu acho que, se ela não oferece mais é pela limitação de tempo...

Janis - E a TV Diário?

Edilmar - A TV Diário... A cobrança que dela se fizer, é uma cobrança procedente, porque ela é uma estação inteiramente com o tempo para o local. Nós devemos ter essa preocupação de ocupar todos os espaços prestigiando e incentivando os movimentos culturais da cidade.

Jhon - E o senhor acha que o desempenho da Tv Diário tem sido satisfatório?

Edilmar - (pausa) Ela tem ainda muito, muito, muito a melhorar. Não se implanta uma televisão da noite pro dia. Sabemos que a implantação de uma televisão é uma coisa, primeiramente, muito dispendiosa. Nada em televisão é implantado sem muito custo. Caro! Televisão é um veículo caro! Você fazer mesmo como deveria fazer. Não é ser uma rede, porque você entra em cadeia (nacional) e está resolvido, aí pronto, não é? São aqueles minutinhos que você tem pra fazer.

A Televisão Diário, você vai lá, nós estamos produzindo tudo pela própria emissora. Nós estamos no ar as vinte e

quatro horas. Nós temos uma linha jornalística, que se disser: "Precisa aprimorar..." Precisa, precisa ser aprimorada, nós sabemos disso. Inclusive a estrutura. A estrutura de trabalho e a estrutura técnica, tudo isso ela tem. Mesmo assim, dentro das limitações dela, ela pode até estar surpreendendo. Eu acho que é uma coisa positiva o que ela tem feito na área jornalística. Têm esses programas de tipo entrevistas, esses programas de auditório. São as coisas normais que você tem que ter numa televisão, você tem que ter. Os excessos que você

"Eu tenho uma menina, Klicinha, que seria uma bela jornalista. Quiseram trazer três vezes para ir para a TV Diário. (...) Não, eu não quero!"

tem, muita gente critica o sexo na televisão, principalmente em determinados programas. Esses excessos, lamentavelmente eles são comuns numa linha de programação da televisão brasileira. Os críticos, eles quando analisam a programação da televisão brasileira eles são cáusticos por quê? Porque afora a televisão voltada para a cultura, as demais, as estações abertas, os trabalhos abertos... Você vê que, quando se critica o nível técnico da novela ou se elogia, ela é massacrada pela exploração, sexo, violência isso aquilo... Agora, a TV Diário, dentro das suas limitações, tem procurado acompanhar. O propósito dela é dar todo o apoio ao movimento cultural da cidade. Mesmo sem uma receita (capital), nós estamos

acompanhando todos os valores da terra. Vamos agora entrar na área de humor. Nossos humoristas de primeira linha não participavam da programação da TV Diário. A montagem de um programa de humor é muito dispendiosa. E nós estamos aí. Pra não fugir, pra não sair, pra ter alguma coisa, de humor, nós nos sujeitamos às críticas, muitas vezes delas procedentes, à Escola do Barão, mas o Paulo Diógenes está aí com um projeto, e a Meirinha, também, porque com o sinal da Televisão Diário, ela a partir de janeiro, fim de dezembro, janeiro, vai chegar em todo o Brasil via parabólica. Nós estamos melhorando a qualidade dos programas.

Contratamos uma pessoa de vivência, que trabalhou muito na Globo, criativo, o Travessoni e ele trouxe aquele Garcia Junior, produtor. Os dois estão dando uma pincelada no que tem, melhorando qualitativamente. E alguma coisa você já pode ver nos

programas que estão no ar, alguns programas. É claro que nós temos procurado aqueles programas de alvo específico, chegar até o espectador, programas de economia, sobre política. Vocês chegam a ver esses outros programas, o Canal Unifor. O programa que a Soraya (Carla Soraya, atual apresentadora do Bom dia Ceará) apresenta. Programa (Studio 22) que tem um nível de artistas locais. A Fernanda Quinderé tem procurado trazer, no bate papo dela (Ponto de Encontro), todo dia, os assuntos mais importantes da cidade. São as coisas que você, numa programação de televisão, que disputa audiência... Temos obrigação de mostrar o quanto a televisão seria bela se apresentada daquela forma. **E**



Duas alunas da disciplina Laboratório de Telejornalismo, Anézia e Carol, fizeram questão de estar presentes à entrevista.

Apesar dos avisos, um telefone celular tocou, insistentemente, no meio da entrevista. Todos os alunos se olharam, mas ninguém sabia de onde vinha o incômodo barulho.